FATO E VALOR NO PANÓPTICO DE BENTHAM: LEITURA A PARTIR DA CRÍTICA DE FOUCAULT

Everton Miguel Puhl Maciel¹

Resumo: Este artigo tem a pretensão de mapear a crítica feita ao panópticobenthamista por Michel Foucault. Nossa leitura é pontual e busca processar a hipótese de que Bentham, deliberadamente ou não, estava mesclando fatos e valores, fazendo uso do hedonismo utilitarista para inserir valores práticos do capitalismo nas pessoas encarceradas ou sob a tutela do estado. A possibilidade de dividir para analisar e qualificar valorativamente a eficiência (fazer algo com vistas à produtividade) e a eficácia (fazer a coisa certa) do trabalho desenvolvido é fundamental para a crítica de Foucault.Nesse nível, o autor francês teria conseguido esmiuçar, como poucos, a falácia naturalista da qual Bentham é acusado de ter incorrido constantemente.

Palavras-chave: Panóptico; Utilitarismo; Fato; Valor; Foucault.

Abstract: This article purports to map the criticism of the panopticonBenthamic by Michel Foucault. Our reading is timely and search process the hypothesis that Bentham, deliberately or not, was mixing facts and values, using the utilitarian hedonism to enter practical values of capitalism in people imprisoned or under state supervision. The possibility of dividing to analyze and qualify evaluatively efficiency (doing something with a view to productivity) and effectiveness (doing the right thing) the work is critical to Foucault's critique. At this level, the French author would have been able to scrutinize, as few, the naturalistic fallacy which Bentham is alleged to have incurred constantly.

Keywords: Panopticon; Utilitarianism; Fact; Value; Foucault.

¹ Doutorando em Filosofia, PUC-RS, bolsista Capes, jornalistamaciel@gmail.com

Objetivo desse trabalho é compreender como Jeremy Bentham trabalhou os elementos prescritivistas e descritivistas do seu projeto "O Panóptico". A perspectiva de uma falácia naturalista, inserida ao longo do século XX, como interpretação hegemônica da obra do utilitarista inglês, foi deixada de lado na crítica de Michel Foucault que preferiu o procedimento genealógico para compreensão do sistema de encarceramento proposto um século de meio antes. Por meio desse viés, vamos tentar compreender o modelo de Bentham e analisar se ele incorre ou não em problemas como conciliar fatos e valores arbitrariamente na obra proposta, e não em sua filosofia como um todo.

A discussão em torno do panóptico de Jeremy Bentham suscita duas reações distintas, cada qual envolta em uma cadeia ideológica própria. De um lado está o grupo daqueles que acreditam no projeto benthamistacomo uma agressão à individualidade e, ao mesmo tempo, aos direitos humanos; de outra parte, aqueles que visualizam na estrutura arquitetônica da obra, apenas uma alternativa eficiente para o sistema carcerário inglês do século XVIII, envolto em profundos problemas. Para lançar luz à controvérsia, primeiramente, vamos analisar aquela que é considerada uma das maiores críticas ao panóptico. Em seguida, vamos acrescentara tese utilitarista da eficiência da punição, inclusive do ponto de vista econômico.

Nosso propósito, nesse trabalho, busca percorrer tanto a ideia de normatividade quanto de descritividade a qual está sujeita uma teoria utilitarista específica. Tentaremos enquadrar tanto a crítica quanto a eficiência penal positiva do panóptico de Bentham nessa análise, sem o interesse de advogar a favor ou contra o modelo apresentado no final do século XVIII. Como referência crítica, optamos por percorrer o trabalho de Michel Foucault (1926 – 1984). Vigiar e Punir (1975) é um dos aportes mais importantes tanto no modelo histórico quanto crítico do estado totalitário. Vamos nos concentrar especificamente no capítulo referente ao panoptismo, por entendermos que o restante da obra resguarda sua característica peculiar no que se refere a outros problemas que o autor buscou enfrentar². Aqui resguardaremos a crítica do ponto de vista em que existe um estado de visibilidade que garante o funcionamento automático do poder e isso é exercido com o conhecimento do indivíduo afetado. O elemento fato-valorativo é importante, na medida em que produz ou não eficiência do ponto de vista em

² Os princípios centrais percorridos ao longo da obra que mapeia o nascimento da prisão dizem respeito a: correção, classificação, modulação das penas, trabalho enquanto direito e obrigação, educação penitenciária, controle de carcerário e readaptação. É difícil estabelecer um desses princípios com resguardandoa crítica panóptica. Mas sugerimos algo voltado para a educação e o controle carcerário; mesmo que a tentativa de correção e readaptação possam ser ventilados na proposta de Bentham, seriam princípios antagônicos a leitura feita por Foucault.

que maximiza a produção, seja ela de um produto manufaturado ou da reinserção do indivíduo no âmbito coletivo.

A primeira fundamentação teórica da ideia de um panóptico surgiu em 1787 em uma série de cartas nas quais Bentham descreve a estrutura arquitetônica de um prédio circular. Em 1791, o autor acrescenta dois pós-escritos ao projeto original que consistem basicamente em

a) a revisão da ideia de isolamento individual, em virtude de uma redução de espaço no projeto;

b) a introdução de um vice-governador, um capelão, um professor, e um médico na estrutura gerencial do sistema.

Não trataremos destes temas no decorrer do nosso trabalho. Aqui, é importante ressaltar apenas, o desejo prático de Bentham de ver seu projeto em funcionamento e não apenas como uma tese para o teste drástico de algum tipo de utilitarismo, gestado por ele ao longo da vida.

Na visão crítico-arqueológica sugerida por Michael Foucault, o panóptico acaba parecendo uma excelente metáfora para tratar a historiografia do sistema de punição penal e vigilância sistêmica empregada pelos diferentes estados. O ambiente representativo estabelecido através do experimento de Bentham ganha funcionalidade não apenas como sistema prisional, mas como um modelo eficiente para penetrar no comportamento dos homens; a superelevação de um tipo específico de saber observacional que implica nas mais diferentes frentes do poder, do controle político à eficiência do sistema de produção. Para Foucault, a necessidade de um aparato dessa natureza acaba ganhando sentido quando tenta resguardar a normalidade e aplicar a correção, especialmente levando em conta o modelo binário: normal, anormal; leproso, não leproso³. A arqueologia descritiva de *Vigiar e Punir* estabelece umalinearidade entre todos os mecanismos de correção dispostos até nossos dias em torno do mesmo elemento binário e de correção normativa, e é nessa esteira que o panóptico se encontra.

.

³FOUCAULT, 1991, p.176.

O panóptico é uma construção em anel, eixada por uma torre, com janelas vazadas e amplas, todas voltadas para a face interna do prédio principal. Na sua periferia, há a construção de celas que atravessam toda a estrutura da construção com janelas para o interior e exterior da torre, por onde circula luz e ar. O processo de individualização é concluído pelo isolamento das selas entre si e com cada encarcerado visível aos olhos do observador resguardado pelo eixo central⁴. Ao mesmo tempo em que o processo de individualização dos atores é estabelecido, uns com relação aos outros, mantem-se a presença perene do vigia central, convenientemente disfarçado pelo seu aparente distanciamento e obscuridade de sua instalação, a torre central.

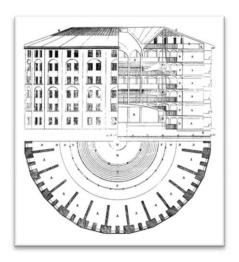


Figura 1 - Elevação, seção e plano do Panóptico de Benthan (1791).

Esse modelo de individualização é bem observado por Foucault quando nota que o aprisionado é um objeto de informação descritiva, mesmo sem ser agente de comunicação opinativa⁵e os reflexos desse tipo de vigilância são imediatos, especialmente, naquilo que se refere ao comportamento anormal dos indivíduos com capacidade normal de discernimento, entre suas atitudes e o julgamento a respeito da normalidade publicamente aceitável. Foucault observa algo que Bentham visualizava com bastante lucidez: o modelo panóptico evita o empilhamento de prisioneiros em masmorras. Se por um lado, o projeto tem um fim com vistas à utilidade geral: diminuir a dor dos envolvidos; há também o elemento da disciplina coletiva, ignorado no modelo que precedeu a elaboração das prisões vigiadas modernas. Obviamente, Foucault não aposta que o estado de vigilância nasceu com o panóptico, mas atingiu o seu ponto mais desenvolvido com a elaboração de tal arquitetura. A principal

⁴BENTHAM, 2000, p.18.

⁵FOUCAULT, 1991, p.177.

vantagem do modelo diz respeito não apenas a observação constante,mas a capacidade de vigilância homogênea, algo que não pode ser conseguido pelas tentativas individualizadas de espionagem, mesmo em ambientes muito controlados. Resguarda-se também o elemento psicológico, inacessível por outros meios: o fato de o observado conhecer perfeitamentesua condição no sistema em que está inserido, mesmo sem ter informações a respeito de como é feita a regência geral desse modelo ou quantos colegas o acompanham. A inquietude da inconsciência de ser observado pode produzir os efeitos desejáveis tanto do ponto de vista funcional (factual) quando valorativo, na medida em que são projetados no indivíduo os comportamentos esperados, levando em conta sua experiência anterior a inserção panóptica ou a orientação de instrutores preparados para informar o necessário ao aprisionado.

O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder. Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas⁶.

A classificação analítica de um determinado tipo de indivíduo pode ter nascido, sugere Foucault, de um zoológico. Mesmo que modelo do zoológico de Le Vaux, construído em Versalhes, tenha desaparecido na época de Bentham, é latente a inspiração cientificista entre os projetos. Ao invés dos animais ficarem dispostos espalhados por um parque, aconstrução representava um monagériooctógono, onde os animais ficariam dispostos nas periferias, enjaulados em recintos que buscavam imitar as condições do seu ambiente natural. O procedimento antecede os jardins zoológicos modernos e, no caso mais famoso de Versalhes, o elemento que servia de eixo para a estrutura era justamente a casa de repouso do monarca. Em vários níveis, esse tipo de ambiente do século XVII facilitava a observação científica das espécies exóticas importadas pela Europa.

.

⁶ Idem, p.178s.



Figura 2 – Monagério Real de Versalhes, no período de Luís XIV (1643 – 1715). Gravura de Aveline.

Trata-se de um resgate importante que deve ser feito a respeito do panóptico, pois ele também pode ser utilizado como máquina de fazer experiências de toda ordem, inclusive médicas, levando em conta os problemas sanitários e as pestes europeias. Com o novo modelo de vigilância, seria possível ampliar o monitoramento de doentes, eliminando o policiamento através de milícias ou síndicos civis, responsáveis pelo controle dos doentes. Foucault observa atentamente as diferenças entre a cidade pestilenta e o modelo panóptico. Com um século e meio de diferença, as transformações do programa disciplinar são marcantes, entre os casos. Não existe mais a necessidade de se estabelecer um modelo político de exceção, o estado de vigília não precisa mais alterar o funcionamento cotidiano de uma determinada cidade e existe uma superelevação do estado de vigília. A versatilidade da arquitetura panóptica permite o aperfeiçoamento constante do exercício do poder. A redução do número de pessoas necessárias para o funcionamento do empreendimento possui vantagens significativas de um ponto de vista que ultrapassa a mera economia de pessoal: a redução de gestores, dificulta sensivelmente a corrupção no mecanismo, uma vez que existem poucos envolvidos no processo e muitos vigiados.

A impossibilidade de acesso dos reclusos aos poucos vigilantes também diz respeito ao elemento valorativo, na medida em que o poder é exercício por um número muito reduzido de pessoas. O fato da reclusão torna-se o mais importante e concentrado elemento do prescritivismo, uma vez que o comportamento do interno é moldado não apenas pelas instruções que recebe, mas pela interpretação que ele faz da sua própria reclusão. O comportamento correto passa a ser entendido como aquilo esperado.Isso serve, em muitos

_

⁷ Idem, p.179.

casos, para atender as necessidades do controle de saúde ou instrução escolar, e, inclusive, os casos penitenciários mais graves.

Existe ainda a facilidade que o panópticooferece a respeito da pluralidade do experimento. No que se refere à eficiência (fazer algo com vistas à produtividade) dos mais diferentes modelos de produção é possível testar isoladamente um a um praticamente de forma simultânea, e assim se decidir pelo melhor no ambiente da revolução industrial. O mesmo acontece no nível da eficácia (fazer a coisa certa), com a tentativa permanente de corresponder às expectativas externas.

Foucault lembra o elemento da eficácia e o liga justamente àprescritividade comportamental:

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça⁸.

A eficácia não só prescreve a forma como os homens devem se comportar em determinada situações, mas descreve o modelo mais funcional para cada caso. A mistura desses elementos fato-valorativos diz respeito justamente àquilo que queremos chamar atenção no utilitarismo benthamista: não existe uma distinção diametral entre eficácia e eficiência. O mesmo conceito utilizado para identificar a ampliação quantitativa da produção mais eficiente serve muito bem para descrever o comportamentoeficaz, quando o caso busca narrar elementos concretos ligados à ampliação da produção, por exemplo.

Foucault entende a novidade do modelo como importante no que se refere à alta capacidade de individualizar os elementos observacionais, e desinflar a perspectiva do poder régio:

No nível teórico, Bentham define outra maneira de analisar o corpo social e as relações de poder que o atravessam; em termos de prática, ele define um processo de subordinação dos corpos e das forças que a utilidade do poder deve majorar fazendo a economia do Príncipe⁹.

É uma observação importante, uma vez que os testes experimentais podem ser feitos em ambos os níveis.Bentham prevê um panóptico aberto à fiscalização do público externo.

.

⁸ Idem, p.180.

⁹ Idem, p.183.

Um tipo de "tribunal do mundo" ou comitê aberto aos serviços da edificação moral dos aprisionados com vistas à potencialização dos valores coletivos, sem a necessidade de enraizamento contratual, no que se refere à administração da estrutura. Isso coloca de lado, ao mesmo tempo, a necessidade de fundamentar uma epistemologia social efetiva e reduz o coletivo a soma de indivíduos, uma "nova 'anatomia política' cujo objeto e fim não são a relação de soberania mas as relações de disciplina", nota Foucault 11.

Na visão crítica de Foucault, o panóptico ultrapassa todos os limites de uma arquitetura funcional. Antes, trata-se do estabelecimento de um novo paradigma de disciplina na sociedade moderna. O problema de Foucault não é se Bentham ultrapassou ou não os limites do discurso descritivo e incorreu em uma falácia naturalista. Para ele, está em jogo a pesquisa genealógica da disciplina. A alegoria do panóptico serve como base para a exposição desse ambiente reformista, na medida em que pode ser demostrada a crueldade da arquitetura proposta por Bentham, jogando luz à pesquisa genealógica do autor francês.

Previamente, podemos adiantar que Foucault incorre na mesma falácia naturalista da qual Bentham foi acusado, no que se refere à valoração moral de um processo físico. A vantagem de Foucault com relação à Bentham diz respeito a suas conclusões levarem em conta o processo histórico, em um contexto mais amplo e autorizado pelo procedimento genealógico muito particular, um dispositivo de estudo que não estava à disposição do utilitarista inglês.

Entrando diretamente no trabalho de Bentham precisamos tentar compreender se aumentar a capacidade de inspeção e vigilância através de uma arquitetura, realmente, implica em aumentar o poder. Essa parece ser uma questão central uma vez que garantir o poder da mente sobre a mente parece um fato evidente sugerido pelo panóptico, especialmente, quando compreendemos a ideia de que o vigilante pode ser deixado de lado em determinadas situações, ficando garantido o respeito à disciplina apenas pelo elemento psicológico do medo. Por outro lado, fica clara a tentativa do autor de universalizar seu experimento. Não apenas no que se refere à abrangência da proposta e sua pluralidade de usos, mas também é latente a inspeção universal a qual está sujeito o panóptico. Definitivamente, não se trata de nenhuma sugestão de democracia participativa, mesmo assim, o elemento econômico faz Bentham se inclinar para essa tese envolta no comitê do mundo, especialmente quando

Página | 55

¹⁰BENTHAM, 2000, p.28.

¹¹ Idem, p.184.

levamos em conta a tendência benevolente do plano reformista, acompanhado da sua coerção física natural. O princípio de funcionamento do comitê está apoiado na ideia de se poder deliberar a respeito da vida pregressa dos presos, adequando, por exemplo, o trabalho prisional a mão-de-obra disponível. É um precedente que reclama apenas características de economia ao sistema utilitarista inerente ao panóptico. Existem, assim, justificativas no projeto que superam os princípios gerais de arquitetura do mecanismo, e funcionam independentemente, sempre ligados ao preceito utilitarista de produzir mais com menos esforço. Outro ponto importante da reforma penitenciária proposta seria de grande valia frente ao sistema prisional falido do perídio de Bentham: a ideia de que um dispositivo administrado dessa forma poderia controlar os controladores 12 e, em última análise, vigiar os vigilantes.

No realismo benthamista, tudo tem um efeito. Se é possível desenvolver uma atividade, ela deve ser perfeitamente analisável no que se refere ao movimento, a despesa de energia e a produção. O princípio da utilidade, expresso nos *Princípios da Moral e da Legislação*¹³, também está previsto na obra panóptica. É preciso concentrar esforços justamente na administração da dor e do prazer dos reclusos. O elemento factual está alicerçado não apenas na ideia física de dor e prazer, mas também em uma economia política de censuras e louvores. O sistema penitenciário acabaria por denotar o campo de experimentação utilitarista no que se refere àdor e prazer, muito mais do que representar um mecanismo desenvolvido de resguardar uma prisão. Trata-se da imagem mesma do poder, representada pela educação e disciplina.

É verdade que Bentham também estava preocupado com o desperdício de mão-deobra e sua justificativa para a tentativa definitiva deimplementar o panóptico se reforçou a partir de 1776, com o fim da possibilidade de deportação de criminosos ingleses para os Estados Unidos. A deportação representava um desperdício físico irrecuperável do ponto de vista econômico. Mais do que um elemento valorativo e moral, tratava-se de diminuir o custo da pena e aumentar sua eficiência empírica na produção de trabalho manufaturado. Isso fica claro quando Bentham se afasta das punições físicas definitivas que ainda eram legais, mesmo que não fossem aplicadas no mesmo ritmo. O autor se enfileirou mais às punições cientificamente calculadas, como a tortura. Evidentemente, não se trata de nada menos assustador do que a pena de morte e as mutilações, mas algo que evitava o desperdício de

¹²Idem, p.42ss.

¹³ BENTHAM, 1974, p.9.

força produtiva e podia ser metodicamente calculado. A intenção, evidentemente,incluía conciliar crime e punição.Trata-se do reconhecimento definitivo da disciplina como anatomia política dos detalhes envolvidos na sanção moral.

Até então falamos da maximização da produção, levando em conta o perfil produtivo de produtos manufaturados. Algo precisa ser explicado, no entanto, a respeito da ideia de o modelo ser ou não eficiente do ponto de vista da reinserção social, ideia que ultrapassa os limites da mera correção comportamental, essa última, definitivamente prevista no projeto de Bentham. O autor prefere chamar as prisões de "casas de custódia segura" quando não estão ali abrigados presos destinados à correção e, sim, pessoas que aguardam julgamento ou se encontram detidas em virtude de falta de recursos para pagar suas fianças, em crimes menores. Ele deixa de lado, por exemplo, a ideia de isolamento individual para esses casos, sustentando a possibilidade de ambientes mistos, onde o trabalho forçado, destinado à correção, fosse conjugado com trabalho não coercitivo, voltado à manutenção da vida do trabalhador-prisioneiro fora de trabalho o problema de ser ou não vantajoso ter o trabalhador liberto. O que interessa ao autor é a introspeção das vantagens do trabalho livre e, especialmente, a diminuição de custos que o trabalhador proporcionará ao sistema econômico como um todo:

Não existe nenhum ofício que possa ser exercido nesse estado de servidão que não possa, com pelo menos igual vantagem, ser exercido em um estado de liberdade. Ambos os grupos acharão provavelmente vantajoso continuar seu vínculo de trabalho após a dissolução de qualquer outro. O trabalhador, por causa do estigma que lhe é atribuído em virtude de sua reclusão, provavelmente terá dificuldade em obter emprego em outro lugar¹⁶.

O que Bentham sugere com a reinserção do trabalhador no mercado livre é uma significativa redução de custo dessa mão de obra. Ou seja, não é preciso dar outro sentido para a ideia de reinserção: apenas ligada, portanto, à revolução industrial e o projeto progressista de maximizar o bem-estar minimizando o custo do empreendimento envolvido. Trata-se de um ponto crucial para nossa análise dos elementos fato-valorativos com os quais o utilitarista trabalhou. Em grande medida, é o contraponto ideal ao materialismo marxista, envolto em uma concepção de estado muito mais realista, concentrado no poder a vigilância no sentido preventivo e corretivo, em detrimento do modelo meramente corretivo. Isso leva

¹⁴Bentham, 2000, p.57.

¹⁵ Idem, p.58.

¹⁶ Idem, p.47.

em conta a ideia de que cada empreendimento tem um efeito no mundo, uma discussão que ultrapassa o problema moral e o insere no projeto econômico da Inglaterra da Revolução Industrial.

Os efeitos práticos de um modelo panóptico podem ser sentidos no que se refere à produção. Mas é inegável que Bentham não levou em conta a implementação da renda do trabalhador, durante o processo, algo essencial para o desenvolvimento do modelo capitalista. Se o utilitarista inglês admitiu a primeira composição fato-valorativa, porque não teria levado a segunda em consideração, tratando-se de uma inferência econômica da mesma ordeme tão evidente?É possível suspeitar que Bentham estivesse servindo algum grupo de interesses específico, mas é mais razoável supor que o mecanismo panóptico buscasse solucionar apenas um conjunto de problemas pontuais e interligados, deixando de lado soluções de ordem moral em longo prazo, e o bem-estar do menor número de trabalhadores aprisionados. O utilitarismo do panóptico é economicista, tendo nessa característica uma sobrevaloração evidente dos elementos morais, éticos e prescritivos, o que não significa ignorá-los por completo. A aposta dele na justiça envolve o cálculo da pena, e a ideia pecuniária tende a se sobressair em virtude da disponibilidade de mão-de-obra no sistema carcerário. Essa conjugação sobressalta os olhos quando Bentham rechaça a lei de trabalhos forçados¹⁷, cujo seu aporte encontra-se justamente no bom comportamento do prisioneiro, como elemento de valorização salarial. O autor acredita que reestabelecer o trabalhador em seu ofício deve fazer parte do processo penal, sem ultrapassar o realismo econômico.

A vantagem da interpretação que Bentham recebeu de Foucault é ajudar a compreender como esses elementos fato-valorativos estão ligados à disposição do sistema penitenciário para o aumento do poder do governo. O paradoxo encontra-se visível quando vemos em Bentham a intenção de reduzir a atuação do estado para potencializar o poder e, assim, buscar a estabilidade funcional, sem muita interferência do poder representativo na administração da estrutura. Aquilo que antes era centralizado no estrado, agora é centralizado, liberalmente, em uma torre que tudo vê. O resultado disso é a diminuição do poder coercitivo físico, mesmo que o poder sobre a mente dos indivíduos vigiados seja mais efetivo.

-

¹⁷ibidem

Referências bibliográficas

BENTHAM, Jeremy. O Panóptico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1991.

GENTILI, Daniele. *Foucault and Bentham: the Debate on the Panopticon*. [Acessado em 2 de maio de 2014]: http://tesi.eprints.luiss.it/11014/2/gentili-daniele-sintesi-2013.pdf

Werrett, Simon. *Potemkin and the Panopticon: Samuel Bentham and the architecture of absolutism in eighteenth century Russia*. Londres: Journal of Bentham Studies, UCL, 1999, 2 pp.1-25.

Planta de elevação. http://en.wikipedia.org/wiki/Panopticon Acessado em 30-6-2014>

Gravura de Aveline. <a href="http://cultureandstuff.com/2011/08/15/strange-meetings-the-royal-menagerie-at-versailles/<Acessado em 30-6-2014">http://cultureandstuff.com/2011/08/15/strange-meetings-the-royal-menagerie-at-versailles/<Acessado em 30-6-2014